

# Fronteiras da Alteridade no Documentário e na Ficção: Imigrantes, Refugiados e suas Representações na Cultura Audiovisual

## José Augusto Mendes Lobato

Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (PPGCOM-USP). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi (PPGCOM-UAM). Realizou pesquisa pós-doutoral no PPGCOM-UAM. Professor dos cursos de graduação em Comunicação e Artes na Universidade São Judas (USJT). Gerente de educação no Grupo Report. Mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero. Graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade da Amazônia (Unama). Cursa licenciatura em Ciências Sociais na USJT. E-mail: gutomlobato@gmail.com

**Resumo:** Neste trabalho, discutimos a formulação de fronteiras entre identidade e alteridade na representação de refugiados e imigrantes na cultura audiovisual. Em específico, examinamos a circulação e reverberação do que denominamos narrativas de alteridade, buscando entender como sujeitos representados em obras documentais e de ficção leem seus conteúdos. Para isso, exploramos conceitos dos estudos de linguagem, cultura e mídia – como os de representação social, tradução, fronteira, mediação e mediatização – e realizamos entrevistas semiabertas com dez imigrantes e pessoas em situação de refúgio. Os sujeitos de pesquisa também foram convidados a assistir a cenas de dois documentários e uma telenovela, a fim de avaliar as formas de construção de fronteiras e tradução de seus universos de origem nas obras. Ao final, nota-se que os processos de mediatização da alteridade tendem à extrema redução de complexidade e se assentam em juízos e processos valorativos ao designar as formas da diferença cultural.

**Palavras-chave:** narrativa de alteridade, fronteira, mediatização, representação, imigração.

## Fronteras de la Alteridad en el Documental y la Ficción: Inmigrantes, Refugiados y Sus Representaciones en la Cultura Audiovisual

**Resumen:** En este trabajo, discutimos la formulación de fronteras entre identidad y alteridad en la representación de los refugiados e inmigrantes en la cultura audiovisual. Específicamente, examinamos la circulación y reverberación de lo que llamamos narrativas de alteridad con el objetivo de comprender cómo los sujetos representados en obras documentales y de ficción leen su contenido. Para ello, exploramos conceptos de los estudios del lenguaje, cultura y medios – como representación social, traducción, frontera, mediación y mediatización – y llevamos a cabo entrevistas semiabiertas con diez inmigrantes y refugiados. Los sujetos de la investigación también fueron invitados a ver escenas de dos documentales y una telenovela para evaluar las formas de construir fronteras y traducir sus universos originales en las obras. Al final, se observa que los procesos de mediatización de la alteridad tienden a una reducción extrema de la complejidad y se basan en juicios y procesos evaluativos al designar las formas de diferencia cultural.

**Palabras-clave:** narrativa de alteridad, frontera, mediatización, representación, inmigración.

## Boundaries of Alterity in Documentary and Fiction: Immigrants, Refugees and Their Representations in Audiovisual Culture

**Abstract:** This paper discusses the formulation of boundaries between identity and alterity in the representation of refugees and immigrants in audiovisual culture. Specifically, we examine the circulation and reverberation of what we call alterity narratives, seeking to understand how subjects represented in documentary and fictional works read their content. We explore concepts from language, culture and media studies – such as social representation, translation, boundary, mediation and mediatization – and conducted semi-open interviews with ten immigrants and refugees. The research subjects were also invited to watch scenes from two documentaries and a telenovela to evaluate the ways in which boundaries are constructed and their universes of origin are translated into these narratives. We note that the processes of mediatization of alterity tend to reduce complexity in extreme ways and are based on judgments and valuation processes when designating cultural difference.

**Keywords:** alterity narrative, boundary, mediatization, representation, immigration.

Processos migratórios, sobretudo aqueles associados a conflitos nos países de origem das populações deslocadas, estão no centro do debate geopolítico atual – e levam, naturalmente, a reverberações no campo das representações midiáticas e seus processos de circulação social. Dados da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) apontam que, até o final de 2023, uma em cada 69 pessoas, ou 1,5% de toda a população do planeta, estava deslocada à força, quase o dobro de dez anos atrás, e havia um total 24,9 milhões de refugiados e pessoas precisando de proteção internacional. Aproximadamente 73% dos refugiados são originários de cinco países (Afeganistão, Síria, Venezuela, Ucrânia e Sudão).

No Brasil, em específico, o Observatório das Migrações em São Paulo (OBMigra) mapeou ao menos 143.033 refugiados em solo nacional em 2023, 117,2% acima do ano anterior. Já o governo federal reconheceu, em publicação de junho de 2024, que registrou 77.193 pessoas como refugiadas em 2023, maior volume de sua história – com mais de 90% de pessoas vindas da Venezuela.

Além de expor a magnitude das crises movidas por deslocamentos forçados, esses números nos revelam uma questão crítica para análise dos campos de estudos da comunicação, da cidadania, da cultura e das identidades: a formação de construções ou sistemas representacionais (Hall, 2016) capazes, cada vez mais, de abarcar e traduzir a multiplicidade de modos de vida, experiências sociais e configurações culturais de povos que, em sua movimentação à procura de melhores condições de vida, passam a ser objeto de representações midiáticas em diferentes códigos, gêneros e formatos – a ficção, o jornalismo, a publicidade, a comunicação institucional etc.

Aqui, retornamos a nossa hipótese de que a questão do Outro é central nos processos da midiaticização contemporânea – e que a noção de narrativa de alteridade (Lobato, 2017) viabiliza uma compreensão possível para os modos como diferentes produtos midiáticos, em especial os ligados à cultura audiovisual, podem contribuir na formulação de representações capazes de evidenciar a alteridade e seus pontos de contato com os países de acolhimento de populações imigrantes e refugiadas, a partir de procedimentos e estratégias comuns de narração. Ademais, aprofundamo-nos no estudo da recepção para compreender como os próprios sujeitos representados enxergam o vasto material produzido a respeito deles, ancorados em uma investigação recente (Lobato, 2023).

Este texto desdobra alguns resultados dessas pesquisas em uma análise centrada em como um grupo de entrevistados – dez pessoas, oriundas de seis países – percebe a construção das fronteiras identidade-alteridade e a tradução do outro a partir de material midiático veiculado na televisão brasileira em três programas: os jornalísticos Profissão Repórter e GloboNews Especial e a telenovela *Órfãos da Terra*, da Rede Globo. Para isso, discutimos as noções de fronteira e tradução cultural e promovemos um diálogo entre elas e os processos de mediação e midiaticização. Nosso foco está em entender como os esforços de representação da alteridade, detalhamento de fronteiras e tradução do outro são percebidos por entrevistados hoje residentes no Brasil à hora de os programas representarem suas comunidades e as de outros estrangeiros. Por meio disso, buscamos meios de compreender os processos de circulação e efetivação social das narrativas de refúgio e imigração e, extensivamente, exercitamos uma análise crítica do impacto de meios audiovisuais sobre o contato entre culturas.

### **Questões de Base: o Outro, a Tradução e a Representação da Alteridade**

O ponto de partida de nossa investigação se dá por um campo de convergência que fundamenta a construção da própria ideia de narrativa de alteridade: as ciências da linguagem, com ênfase particular nos estudos culturais, na semiótica da cultura e em suas interfaces com discussões sobre representação, processos narrativos e a conformação do laço social. Mobilizamos estudos inspirados por um projeto de investigação mais abrangente, centrado na questão do outro na cultura audiovisual contemporânea, que compreende estudos sobre estratégias de representação, modos de recepção e consumo e operações discursivas engendradas nas narrativas de alteridade.

A noção contemporânea de representação – e seu desdobramento no campo das representações sociais (Moscovici, 2003) ou coletivas (Durkheim, 1996) – é um primeiro ponto de ancoragem relevante. Tributária das reflexões de Aristóteles na *Poética*, à qual fazemos referência considerando a *mimesis* (traduzida, sob diferentes fontes, como imitação ou representação) como um processo de natureza criativa e interventora, vinculado a um intenso desejo de conhecer-saber, a representação pode ser entendida a partir de Aristóteles (1996) como uma expressão da sensibilidade humana responsável pela instituição do novo, e não apenas pela imitação. De suas reflexões sobre a arte poética, notamos que três notações nos acompanham até tempos atuais e a nosso objeto de análise aqui neste texto: o reconhecimento de que “quem imita representa os homens em acção” (Aristóteles, 1996, p. 34), para isso recorrendo a diferentes códigos (visual, verbal, sonoro, gestual etc.); a afirmação de que os objetos “imitados” podem sê-lo de diferentes maneiras em termos de posicionamento de quem narra e como o faz na forma de construção dramática; e o entendimento de que a *poiesis* é da ordem do humano, já que “imitar é natural nos homens desde a infância e nisto diferem dos outros animais, pois o homem é o que tem mais capacidade de imitar e é pela imitação que adquire os seus primeiros conhecimentos” – e porque “todos sentem prazer nas imitações” (Aristóteles, 1996, p. 42). Por meio desta compreensão, historicamente, a leitura acadêmica de Aristóteles aponta para um potencial criativo, e não de pura reprodução ou cópia, do ato de representar/imitar.

Essa compreensão nos parece fundamental ao examinarmos os produtos midiáticos e, sobretudo, as relações estéticas por eles geradas – sobretudo se entendermos que a melhoria nos modos de representar veio junto do aperfeiçoamento de meios técnicos (a escrita, a prensa, o som mediatizado, a imagem estática, o vídeo etc.), do olhar e da compreensão da dimensão social que abarca este conceito. Aqui, devemos também referenciar o estudo das formas da representação por Émile Durkheim (1996, p. XXIII), um dos pais do conceito de representação coletiva – é nele que vemos o reconhecimento de que esta resulta de intensa cooperação, em que “uma multidão de espíritos diversos associou, misturou, combinou suas ideias e seus sentimentos” e injetou experiências e saberes para formar noções estáveis e partilhadas.

Serge Moscovici (2003) trará a representação social para o estudo da cognição humana e a associará ao pensamento e à expressão interior e exterior dos indivíduos. Para ele, o processo organizativo da consciência, assim como a linguagem, se condiciona às nossas representações e nossa cultura – e é por meio delas que alcançamos certo nível de familiaridade com o que nos cerca. Elas atuam, assim, de forma prescritiva, uma vez que “se impõem sobre nós com uma força irresistível”, e carregarão “uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado” (Moscovici, 2003, p. 36).

Em relação à redução de estranhamento diante da realidade, fenômeno que nos interessa no contexto desta pesquisa, Moscovici (2003, p. 37) dirá que representações se vinculam a “um elo de prévios sistemas e imagens, uma estratificação na memória coletiva e uma reprodução na linguagem”, constituindo-se como uma “atmosfera” que paira sobre comunidades, munindo-as de instrumentos para compreender o mundo. E atestará que, por isso, “a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não familiar, ou a própria não familiaridade” (Moscovici, 2003, p. 54). Para isso, operará nos rumos da ancoragem (criando elos e estratificações entre imagens e discursos), da objetivação (materialização das representações) e da rotinização, estabelecendo regimes perceptivos que nos habitam e auxiliam no entendimento do mundo.

A partir do que nos lançam os autores, entendemos que os processos de representação – que são as bases sobre as quais erguemos narrativas e, de modo mais amplo, efetivamos socialmente os discursos – carregam um potencial criativo; uma dimensão social ou coletiva; um potencial de prescrição ou indução de comportamentos a partir da interiorização de noções e atitudes perante o mundo; e uma capacidade notável de reduzir a não familiaridade e produzir sentidos de coletividade, em estreita conexão com a promoção de direitos de reconhecimento e visibilidade das populações.

Em relação ao último aspecto, cabe, ainda, fazer aqui referência ao que nos diz Stuart Hall (2016) sobre a abordagem construtivista da representação. Partindo da dimensão de produção de sentido pela linguagem, que em sua concepção é o que caracteriza o representar hoje, o autor reaviva a ideia de não especularidade para destacar a existência de “sistemas de representação” que combinam a classificação e organização do mundo em categorias, no nível da consciência, e seu próprio potencial de expressão na linguagem. Considerando que linguagens e signos são, assim, produzidos coletivamente, o autor destaca a importância do “domínio simbólico da vida”, em que “palavras e coisas funcionam como signos, no coração da própria vida social” (Hall, 2016, p. 54). Em suas palavras, a linguagem e seus códigos

são cruciais para o sentido e a representação, não existem na natureza, mas são o resultado de convenções sociais. Eles formam um aparte crucial da nossa cultura – nossos “mapas de sentido” compartilhados – que aprendemos e, inconscientemente, internalizamos quando dela nos tornamos membros. (Hall, 2016, p. 54)

Aqui emerge uma asserção, também expressa por Hall em outro clássico texto, de que representações têm relação direta com a formação e revisão das identidades. Tomando a própria ideia de nação como um sistema de representação cultural, o autor ressalta que as identidades são erguidas a partir das culturas nacionais – seus relatos, suas memórias e as imagens forjadas, de forma espontânea ou à força, sobre elas; para ele, a própria concepção de “narrativa da nação” é tributária da circulação e efetivação de representações de experiências partilhadas. “Como membros de tal ‘comunidade imaginada’, nos vemos, no olho de nossa mente, como compartilhando dessa narrativa. Ela dá significado e importância à nossa monótona existência, conectando nossas vidas . . .” (Hall, 2001, p. 51).

A relação entre identidade e representação é trabalhada por diferentes autores (Bhabha, 1998; Gomes, 2008; Hall, 2001, 2016; Woodward, 2000) e evidencia, regra geral, três efeitos: a conexão entre as noções de si e do outro e as representações coletivas, expressas em discursos circulantes que realçam o laço social; os reflexos das formações de identidade sobre como lemos e traduzimos o outro, incluindo as posturas tomadas na esfera institucional em relação a ele/ela; e, por fim, a vinculação de representações a relações de poder e disputa de espaços de interlocução nas comunidades, traduzindo, assim, um movimento contínuo de reiteração, questionamento e fragmentação das identidades, sobretudo em contextos de crescente interação entre culturas (fenômeno no qual, inclusive, nosso *corpus* se debruça, no contexto de fluxos migratórios).

Nesses quesitos, Homi Bhabha (1998, p. 75) destaca como, no problemático processo de elaboração da nação como categoria, há um jogo performativo de produção da “diferença” que, além de opor *identidade* e *alteridade* – entendida por ele como uma experiência de acesso ao outro e um complemento lógico do eu/nós, já que “existir é ser chamado à existência em relação a uma alteridade, seu olhar ou locus” –, é responsável por tornar a identificação entre os sujeitos um espaço de cisão, separação e produção da diferença. Na concepção do autor, esse processo produzirá embates internos – fissuras ou brechas nos discursos de identidade, a partir da pluralidade do corpo social – e externos, a saber, diferenciações e oposições em relação ao “outro”, “estrangeiro”, “distante”, “divergente” etc.

O sujeito do discurso da diferença é dialógico ou transferencial à maneira da psicanálise. Ele é constituído através do locus do Outro, o que sugere que o objeto de identificação é ambivalente e ainda, de maneira mais significativa, que a agência de identificação nunca é pura ou holística, mas sempre constituída em um processo de substituição, deslocamento ou projeção. (Bhabha, 1998, p. 228)

A também fundamental noção de *tradução cultural* a que alude Bhabha evidencia como os discursos de identidade, e, por lógica, os da diferença/alteridade, sempre estão sujeitos a revisões e aos questionamentos que emergem das movimentações sociais, já que para ele a tradução é um fenômeno de contato com o “estranho”, em posição ambivalente de assimilação/compreensão, de um lado, e de identificação do estrangeiro ou divergente, de outro. E, não se pode relevar, um processo intimamente ligado às estratégias colonialistas de sujeição do outro ao eu/nós – questões

que saltam aos olhos em nossa análise de imigrantes e refugiados sobre como as mídias representam identidades africanas, árabes, latinas etc., bem como na vasta literatura decolonial que aborda os processos da colonialidade do pensar e do saber (Quijano, 1992, 2005).

Para Bhabha (1998, p. 312), “o processo de encontro cultural será sempre ambivalente, contaminado, já que constantemente marcado pelo outro” em sua dinâmica. Em outro trecho de seus escritos, afirma, ainda, que “as designações da diferença cultural interpelam formas de identidade que, devido à sua implicação contínua em outros sistemas simbólicos, são sempre ‘incompletas’ ou abertas à tradução cultural” (Bhabha, 1998, p. 228). Um processo, que, entendemos, tende a colocar o eu/nós, a noção relativamente estável de identidade, em crise; é o que ocorre quando conhecemos realidades de povos – a exemplo dos refugiados, aqui discutidos – que nos levam a repensar nossa própria experiência coletiva. Esse processo, nos ensina Bhabha (1998, p. 313), “põe o original em funcionamento para descanonizá-lo, dando-lhe movimento de fragmentação” – *um estranhamento de si produzido pela experiência de alteridade*, em suma.

A partir dos achados sobre processos de representação, a dinâmica identidade-alteridade e os processos de tradução cultural, somos levados a discutir outro conceito caro à reflexão que buscamos traçar com refugiados e imigrantes entrevistados em nossa pesquisa: o de *fronteira*. Afinal, se é verdade que o lugar do eu/nós e do outro é – como nos apontam os estudos culturais e pós-coloniais – constantemente revisitado à luz da erosão de mitos fundacionais ou de revisões de identidades, devemos pensar na demarcação de fronteiras ou limiares a partir dos quais a alteridade é posicionada.

Aqui, aportes da semiótica da cultura de Iuri Lotman (1998, p. 24) são pertinentes por conceituar a fronteira no contexto das interações entre espaços semióticos – lugares de partilha de códigos, linguagens e sistemas culturais, cuja capacidade de tradução e compreensão do ambiente externo se liga diretamente ao fronteiro. Segundo o autor, o caráter de relativa homogeneidade da semiosfera é a um só tempo tributário e alterado por conta dos espaços fronteiros. Cabe a estes ser um ponto de contato intersemiótico com ambientes externos, constituindo-se como *locus* da tradução e da conversão de não mensagens em textos culturais compreensíveis:

. . . a fronteira é uma parte indispensável da semiosfera, esta última precisa do entorno exterior “não organizado”, a partir do qual também é construída. A cultura cria não apenas sua própria organização interna, mas também seu próprio tipo de desorganização externa. (Lotman, 1998, p. 29, tradução nossa)

Toda fronteira, na concepção do autor, opera como um lugar de filtros de tradução, em que tudo o que vem do espaço externo a uma comunidade é “semiotizado” ou convertido em informação. As interações entre povos e culturas são entendidas como processos permanentes de tradução – naturalmente mais instáveis e sujeitos à adaptação à influência externa, ao que Lotman (1998) atribui certa “irregularidade semiótica”, ou capacidade de modificação dos sistemas semióticos em suas “pontas” mais abertas ao diálogo intercultural. E essa *irregularidade* pode ser entendida como lugar privilegiado para a emergência do novo e do relacional em um universo de constante produção de muros e separações entre o eu e o outro; como nos diz Ferrara (2011, p. 7), “o sutil e necessariamente anti-espetacular comportamento das fronteiras permite o desenvolvimento de porosas influências entre planos distintos como aqueles que se estabelecem entre comunicação e manifestação da cultura”. É o direcionamento que viabiliza a existência de contra-narrativas, de discursos sobre a alteridade e a diferença que emergem em meio ao conforto das narrativas essencialistas de que nos fala Homi Bhabha.

Podemos, aqui, lançar um paralelo com as reflexões anteriores e entender que o jogo de produção discursiva das diferenças e da alteridade por meio de processos de representação é responsável não apenas pela estruturação das amarras de identidade que dão coesão a um grupo, mas também pela fixação de sentidos de pertencimento e delimitação de fronteiras a partir das quais nos diferenciamos e

somos convidados a interagir com o outro, a partir de uma estrutura argumentativa que facilita tal processo, com conexão estreita com a forma de lidarmos nos âmbitos social e institucional uns com os outros. E é nesses lugares de tradução e leitura da diferença cultural que encontramos as *narrativas de alteridade* – concepção que adotamos para identificar e mapear estratégias de representação em textos culturais cuja intriga central repousa na enunciação do outro, com função estratégica na produção de empatia, reconhecimento e identificação entre povos e comunidades.

Presentes nos mais diversos gêneros e formatos e, em nossa investigação, examinadas no campo audiovisual contemporâneo, as narrativas de alteridade são, por natureza, lugar de encontro com a diferença. Ao carregar representações do eu/nós, acabam servindo à consolidação da identidade coletiva, embora não seja essa sua função última; seu potencial enunciativo está na exposição de sujeitos, comunidades e universos socioculturais e sua classificação a partir de jogos opositivos, personagens fronteiriços, processos de ficcionalização e da retórica afetivo-testemunhal, além de outros procedimentos por nós já identificados em produções televisivas de ficção e não ficção (Lobato, 2017).

### **Mediação e Miatização do Outro na Cultura Audiovisual**

Nossa preocupação com o fenômeno das migrações e dos deslocamentos forçados e seus desdobramentos no audiovisual não é produto do acaso. Conflitos armados, guerrilhas, guerras civis, golpes e a ação deliberada de organizações terroristas e líderes autoritários sobre nações em todos os continentes e regiões – do Oriente Médio e da África à América Latina, à Ásia e à Europa – são alvo de atenção há décadas e viveram um ponto dramático a partir da eclosão da guerra civil na Síria, no início dos anos 2010. Outros conflitos – a exemplo da crise humanitária na Venezuela – e tragédias como o terremoto do Haiti também levaram a situação dos refugiados a ganhar ênfase no agendamento midiático em solo brasileiro nos últimos anos, um quadro que vem se agravando desde 2022, ainda, com a Guerra na Ucrânia e, mais recentemente, com os conflitos em Gaza, Israel e Líbano. Mais que em termos quantitativos, que fogem ao propósito dessa pesquisa, podemos olhar tal movimentação em termos de impacto sobre os processos de produção midiática e sobre como estes efetivamente acolhem os sujeitos envolvidos nas crises migratórias em seus empreendimentos representacionais, viabilizando o diálogo e a interação entre grupos sociais.

Nosso universo de pesquisa abrange, de modo mais amplo, as narrativas de alteridade na cultura audiovisual e suas manifestações nos universos factual e de ficção – com ênfase no jornalismo e na ficção seriada –, tendo as televisualidades como lugar privilegiado. Ancoramos esta decisão nos dados que demonstram a ampla penetração da TV nos lares – mais de 97% das casas brasileiras, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – e a expansão consistente deste campo para meios digitais.

Para compreender o lugar que a alteridade ocupa nesse ambiente, partimos da premissa de que o processo de falar do outro responde a uma necessidade crescente em tempos de segregação das experiências (Giddens, 2002), nas quais o caráter vicário do conhecimento sobre o mundo empírico se acentua. Também ressaltamos a importância do contato viabilizado por experiências mediadas (Thompson, 1998, p. 86), descontínuas por essência e que fornecem ao sujeito contemporâneo um “intercâmbio de experiências mediadas de outros tempos e lugares com suas próprias experiências cotidianas”.

Dois conceitos, acreditamos, nos permitem entender o impacto desses processos sobre a experiência do outro. De um lado está o de *mediação* – entendido em sua dimensão relacional como processo de conexão entre os indivíduos e o mundo a ser conhecido, algo dado por meio de artifícios de linguagem e que evoca a alteridade como categoria lógica de leitura do ambiente exterior. Vilém Flusser (2007, p. 142), por exemplo, tratará das imagens em específico e as considerará “mediações entre o homem e seu mundo”, atribuindo a elas a tarefa de “superar a alienação humana”, permitindo uma existência mais harmônica com seus elementos. Outros, como Ferrara (2011, p. 3), apontarão certa instrumentalização nas mediações

comunicacionais promovidas por aparatos midiáticos, identificando a mediação como uma operação “centralizada nos objetivos do emissor”, que “desconsidera a atmosfera cultural que define o receptor, considerado massa uniforme e passiva”.

Em contraste com essa posição, Roger Silverstone (2002) apresentará debates relacionados a uma “ética da mediação” para enfatizar que, a despeito da crescente técnica empregada para ampliar os processos mediados contemporâneos, os sujeitos sempre irão considerar a conexão da experiência midiática com as dinâmicas basais da vida social e cotidiana, com contribuição à experiência de alteridade.

Na perspectiva do autor, a presença do outro em diferentes escalas – do outro próximo ao “mais distante”, que “somente aparece para nós nos media” (Silverstone, 2002, p. 3)<sup>1</sup> – tem relação direta com os processos de mediação que nos apresentam o mundo e o tornam familiar no cotidiano, cuja base é tanto tecnológica/técnica (viabilizada por meios de difusão da informação) quanto social (ancorada nas interações extramidiáticas). Parte-se da ideia de que a experiência cotidiana, se é que um dia foi, não se restringe mais a espaços físicos, e por isso é crucial compreender as implicações éticas e morais dos processos de mediação que, a um só tempo, viabilizam o (re)conhecimento do mundo e seus sujeitos e instauram vias de compreensão entre eles. Para Silverstone (2002, p. 11), “os media estão crucialmente imersos na representação do outro, em sua presença ou ausência na sociedade contemporânea”<sup>2</sup>.

A reflexão do autor coloca um ponto fundamental ao desenhar a experiência em tempos atuais como dependente dessa conexão mediada com a alteridade, inclusive identificando duas vias representacionais para tal: a que realça um outro “além de qualquer alcance ou compreensão”, negando-o; e a que o assimila inadvertidamente, na qual as “imagens do outro são integralmente incorporadas ao familiar” (Silverstone, 2002, p. 13)<sup>3</sup>. Para exemplificar essas ações, inclusive, o autor menciona as representações limitadas da Palestina no Ocidente, apagando o povo palestino em uma perigosa associação com a celebração de atos terroristas, e as imagens cordiais dos povos caribenhos e africanos – algo que leva a uma “domesticação” do outro que representa a recusa da alteridade.

Para contornar os dilemas desse jogo de representação, inevitável nos processos de mediação sociocultural atuais, Silverstone (2002, p. 14) lança a ideia de distância apropriada, ou seja, de um jogo de compreensão e representação do outro que compreenda “o grau mais ou menos preciso de proximidade requeridos em nossas relações intermediadas se iremos criar e sustentar um senso do outro suficiente não apenas para a reciprocidade, mas para um trabalho de cuidado, obrigação e responsabilidade”. A distância apropriada, diz, “preserva o outro por meio da diferença assim como por meio da identidade partilhada”<sup>4</sup>.

O outro conceito a que devemos fazer referência, o de *mediatização*, difere da mediação ao evidenciar o caráter ampliado da influência dos dispositivos de difusão sobre as relações humanas, tornando-se processo interacional de referência (Braga, 2006) e balizador da experiência de mundo – não apenas componente dela. Conforme apontado por Braga (2006) e Sodré (2002), a mediatização diz respeito a um certo domínio e influência das experiências mediadas sobre todos os campos da vida social, inclusive a extramidiática. Aqui se assume que a comunicação por dispositivos é capaz de transformar o processo cognitivo e de incorporação de informações sobre o mundo dentro e fora dos limites dos meios técnicos de difusão. Ou, como dizem Couldry e Hepp (2013, p. 197), a “mediatização é um conceito usado para analisar criticamente a inter-relação entre mudanças nas mídias e na comunicação, por um lado, e mudanças na cultura e na sociedade, por outro”<sup>5</sup>, sendo sua diferença em relação à mediação a capacidade de referir, mais especificamente, “o papel da mídia em processos emergentes de mudança sociocultural”. Em suma, a capacidade de um estado mediatizado de coisas – descrito por Sodré (2002) como uma mediação tecnologicamente exacerbada – de alterar nossa compreensão do mundo e nossa relação com o outro, em potencial detrimento deste.

Voltemos, agora, ao fenômeno de circulação de narrativas de alteridade na cultura audiovisual para compreender as implicações dos processos de mediação

<sup>1</sup> No original: “...and especially the distant other, the other who only appears to us within the media”.

<sup>2</sup> No original: “The media are crucially implicated in the representation of the other, in his or her presence or absence in contemporary society”.

<sup>3</sup> No original: “Contemporary mediation veers towards two contrasting, compatible, but equally indefensible modes of representation in the mediation of the other. The first involves pushing the other beyond the pale: defining alterity as beyond reach and comprehension. . . . The second representational strategy involves exactly the opposite. It denies difference altogether. Images of the other are incorporated into entirely familiar and taken for granted narratives and frames”.

<sup>4</sup> No original: “This refers to the importance of understanding the more or less precise degree of proximity required in our mediated inter-relationships if we are to create and sustain a sense of the other sufficient not just for reciprocity but for a duty of care, obligation and responsibility. Proper distance would preserve the other through difference as well as through shared identity”.

<sup>5</sup> No original: “mediatization is a concept used to analyze critically the interrelation between changes in media and communications on the one hand, and changes in culture and society on the other”.

e midiaticização na compreensão do outro. Entendemos que, em ambientes nos quais há ampla circulação de representações sobre comunidades distantes e/ou de matrizes socioculturais distintas daquelas enquadradas nos limites da nação, os processos de mediação social tendem a – por falta de referencial concreto ou experiências materiais de boa parte dos consumidores de narrativas – assumir a dianteira na produção de mapas de sentido e leituras sobre a alteridade. Isso reverbera diretamente na demarcação de fronteiras e no desenho dos processos de tradução cultural, impondo a condição vicária aos que acessam e buscam compreensão sobre um outro que lhes é exposto por meio dos produtos midiáticos. E produz questões críticas acerca do “distanciamento apropriado” a que se refere Silverstone (2002), lançando-nos a necessidade de examinar os discursos dos próprios sujeitos representados acerca do que veem – considerando sua condição mais fundamentada para fazê-lo e, sobretudo, sua leitura crítica acerca dos processos de representação realizados na cultura audiovisual.

### **Fronteiras sob Análise: a Perspectiva de Imigrantes e Refugiados sobre o Documentário e a Ficção Televisual**

Nossa investigação parte do lugar da análise de representações e dos processos interpretativos e de recepção para compreender os sentidos sobre as fronteiras identidade-alteridade e o embate entre mediação e midiaticização no consumo e na circulação de narrativas do outro. Essa decisão decorre de uma necessidade, amplamente discutida nos estudos latino-americanos de comunicação, cultura e mídia, de entender os usos, as negociações, as estratégias de resistência e os impactos cotidianos das mídias sobre a experiência coletiva.

O consumo de informação e conteúdo nas mídias e os modos de se perceber e interagir com tais produtos são alvo de diversas pesquisas e reflexões de autores consagrados no Brasil e na região, a exemplo de García Canclini (1995, 2000), Martín-Barbero (1997, 2004) e Escosteguy e Jacks (2005). Algumas abordagens, como as de Canclini, porão foco na questão do consumo como ato de cidadania e intervenção crítica em relação aos produtos midiáticos, levantando as tensões existentes nas disputas por espaço, nas lutas sociais e nas questões de classe; na perspectiva do autor, compreender os lugares em que ele ocorre e como efetivamente reverbera no espaço social é evidenciar que “no consumo se constrói parte da racionalidade integrativa e comunicativa de uma sociedade” (García Canclini, 1995, p. 45)<sup>6</sup>. Martín-Barbero (1997), por sua vez, partirá das mediações para compreender as estratégias e lógicas de usos, apropriações e reelaborações de conteúdos por receptores, requerendo – em um movimento até hoje muito fortuito nos estudos de comunicação – uma ênfase analítica nas mediações socioculturais que cercam a experiência individual e coletiva, em detrimento do foco nos meios técnicos e suas determinações.

As distintas abordagens e metodologias relacionadas à recepção buscam enfatizar, em um primeiro momento, novas premissas para um modelo ainda linear de comunicação, centrado nos polos emissor-receptor e seus limitantes relativos a lugar, condição de enunciação e contextos de consumo. Conforme realça Jacks (2015, p. 244), porém, a participação das audiências no contexto das transformações tecnológicas evidencia potencialidades da abordagem da recepção nos estudos de comunicação e exige revisões de método e leitura para o investigador, já que essas transformações “borram as fronteiras entre emissão e recepção, obrigando a teoria e a pesquisa a se reposicionarem para entender o que está ocorrendo com a interação e aproximação destas duas instâncias dos processos e práticas de comunicação”.

Realizamos, como parte de uma investigação pós-doutoral voltada à formação de sentidos sobre a alteridade em narrativas audiovisuais de imigração e refúgio, um estudo que combinou a análise estrutural de três obras – os programas GloboNews Especial e Profissão Repórter e a telenovela *Órfãos da Terra*, todos da Rede Globo – à análise da recepção destes e de outros materiais. Para isso, fizemos ao final de 2019 dez entrevistas semiabertas na Região Metropolitana de São Paulo, contemplando imigrantes e refugiados de seis nacionalidades, sendo quatro mulheres e seis homens oriundos da Síria, de Burkina Faso, do Haiti, do Chile, da Guiné-Bissau e da Venezuela.

<sup>6</sup> No original: “Luego, debemos admitir que en el consumo se construye parte de la racionalidad integrativa y comunicativa de una sociedad”.

A maioria das entrevistas (sete das dez) foi realizada no local de trabalho (três) ou na residência (quatro) dos entrevistados. Apenas as três restantes foram realizadas em ambiente não familiar às pessoas consultadas, dentro da universidade em que este pesquisador trabalhava, em salas reservadas. Adotamos o método semiaberto para reduzir o grau de instrumentalidade dos diálogos e, assim, permitir que cada imigrante ou refugiado pudesse contar sua história de vida, explanar sua própria relação com a mídia (tanto a de seu país de origem quanto a brasileira) e com produtos audiovisuais e, em seguida, assistir a trechos dos documentários e da telenovela para discuti-los, cruzando-os a outros produtos já consumidos.

Adotamos um roteiro com três macroquestões, que iam do relato do contexto da chegada do entrevistado ao Brasil até comentários e apontamentos sobre como as narrativas de alteridade abordavam seus povos e os de outros estrangeiros. As entrevistas duraram cerca de duas horas cada, incluindo-se o tempo de exibição dos trechos de material audiovisual (reproduzidos no notebook do pesquisador, em tela de pequeno porte). O material foi gravado e transcrito e a identidade dos participantes foi preservada, respeitando o acordado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) firmado ao final de cada encontro.

A análise geral que produzimos a partir do material coletado se baseou nos discursos dos entrevistados e em notações sobre cenas e trechos das obras. Em estudo anterior (Lobato, 2023), apresentamos resultados gerais desse processo relacionados à estrutura narrativa de *Profissão Repórter*, *GloboNews Especial* e *Órfãos da Terra* – tais como a adoção de personagens fronteirços e a produção de polos opositivos, bem como a intriga fundada no outro – e, sobretudo, a percepção dos entrevistados sobre como tais obras representaram três questões específicas: o processo de entrada e registro no Brasil por imigrantes e refugiados; o acolhimento promovido pelos brasileiros em suas matrizes afetiva e cultural; e a integração ao mercado de trabalho.

Aqui, entretanto, nosso foco de análise se desloca para um ponto específico: a delimitação da *fronteira* como espaço dedicado à tradução e compreensão dos discursos e da diferença. Nosso interesse, ao retornar às falas de nossos entrevistados, está especificamente em entender como enxergam a demarcação entre um eu/nós suposto (nacional/brasileiro/local) e os vários campos de alteridade realçados nas obras e nas experiências destes sujeitos da pesquisa, erguendo os muros simbólicos que, na sociedade midiaticizada, complementam as barreiras físicas pelas quais tiveram de atravessar antes de encontrar um novo lar no país. Por meio disso, acreditamos estar mais próximos de um entendimento sobre os processos de mediação e mediação da alteridade, examinando como os imigrantes e refugiados enxergam seu próprio posicionamento enquanto sujeitos de identidade em obras com amplo potencial de produzir visadas e mapas de sentido. Queremos, aqui neste texto, mais que focalizar as estratégias narrativas dos meios, compreender os referenciais adotados, as alusões e os comparativos traçados pelos próprios imigrantes e refugiados para designar suas diferenças em relação à identidade nacional do país em que estão e, sobretudo, entender como veem essa fronteira erguida no produto audiovisual.

A fim de rastrear menções alusivas às temáticas das fronteiras – ou seja, do desenho de pontos de contato entre universos socioculturais – e da tradução – processos de assimilação, explicação e semiotização do outro –, percorremos a decupagem e os áudios das entrevistas à procura de momentos em que esses temas apareciam, tanto nas análises gerais dos entrevistados sobre o modo como a mídia representava seus países de origem quanto nos comentários sobre as obras a que assistimos juntos. Naturalmente, não procuramos a menção a estes termos de forma explícita, e sim interações nos depoimentos entre o que era dito e os fenômenos assim designados à luz de nosso referencial teórico. Detectamos, em resumo, uma compreensão da importância desses lugares intersticiais para a narrativa de alteridade e seu efetivo sucesso na representação do outro com “distanciamento apropriado” – e, ao mesmo tempo, um viés crítico no modo como nossos sujeitos de pesquisa enxergam o cuidado com o detalhamento de suas culturas, sua história e seus modos de vida.

Uma primeira característica da leitura dos entrevistados que chama atenção é a associação entre o processo de explicar um país ou comunidade e uma tendência

a exibir representações de viés negativo sobre seus modos de vida e características comportamentais e religiosas – parte do processo de tradução cultural, assim, ganha viés valorativo, e o espaço fronteiro acaba sendo povoado por personagens, entrevistados e/ou cenas que atribuem referências negativas ao outro, mesmo quando a intenção do relato é claramente distinta, advogando a favor de uma postura respeitosa para com o imigrante e o refugiado. Isso é especialmente realçado após assistirmos com eles ao documentário *Refugiados no Brasil*, do programa GloboNews Especial, que apresenta várias histórias de tragédia e superação, mas acabou evocando comentários sobre o tom geral das mídias a respeito dos imigrantes. Ali J. R., sírio de 31 anos natural de Aleppo, e Abou A. Y., 33, nascido em Burkina Faso, têm análises semelhantes nesse quesito; indicam que, ao buscar demarcar o que diferencia o sírio e a população africana em geral dos brasileiros, traços como fundamentalismo, baixa qualificação profissional, dubiedade moral e falta de caráter são associados à população estrangeira. Nas palavras de Ali:

Hoje, às vezes, uma emissora, uma reportagem mudam totalmente a visão de quem está assistindo sobre um povo. Uma palavra pode criar um estereótipo negativo e gerar um olhar preconceituoso. Exemplo, [o documentário] fala sobre Estado Islâmico, importante falar, mas essa forma apressada cria generalização. Sou vítima do ISIS e sou muçulmano. O jornalista precisa indagar a si mesmo como uma escolha de palavra pode transmitir ideias. (Ali J. R., 2019, comunicação pessoal)

Abou A. Y., professor de francês, refere-se a Burkina Faso como um país “complicado” e destacou que não só as obras a que assistimos e que constam do *corpus* da pesquisa, mas todos os documentários e telenovelas que havia conhecido até ali no Brasil ignoram ou passam à margem de detalhar questões de seu país. Assim, segundo ele, costuma-se tratar “África” como uma designação nacional essencialista e simplificadora – à maneira do que nos diz Bhabha (1998) sobre o jogo de identidade-alteridade –, resultando em uma delimitação pouco clara do que separa um país do outro. Ele foi um de nossos entrevistados a realçar um problema de tradução cultural nas obras; afirmou que, embora o documentário e a telenovela fossem “fantásticos”, a ênfase negativista associando africanos a golpes, transferências bancárias irregulares e transporte de drogas tende a se fixar de forma mais clara no imaginário do público. “É preciso enfatizar o lado bom da imigração e principalmente do imigrante, entender de onde ele veio. Não é justo só apresentar os crimes cometidos pela comunidade aqui” (Abou A. Y., 2019, comunicação pessoal).

Outro entrevistado sírio, Hilal A. T., de 49 anos, realça um ponto importante: para ele, a tradução cultural promovida, sobretudo, pela telenovela *Órfãos da Terra* – mas que ele associa a um problema maior da mídia TV, sobre a qual mostrou uma visão notavelmente crítica – é falha ao não mergulhar nos conflitos internos entre os países representados por personagens. Na ficção, de fato, a convivência entre personagens judeus e árabes seria utilizada para fornecer tom cômico, por meio dos núcleos de Bóris Fischer (Osmar Prado), judeu, e Mamede Al Aud (Flávio Migliaccio), que vivem brigando e discutindo; assistimos a uma dessas cenas durante a entrevista. A experiência fronteira vivida pelos filhos dos personagens, mais próximos de brasileiros do bairro, não seria suficiente para esclarecer as diferenças culturais singulares entre estes povos, segundo Hilal; a obra não conseguiria garantir um repasse de informação cultural apropriado ao público.

Acho que a mídia em geral precisa esclarecer o que é um refugiado. Ao menos ela tenta, o que é melhor do que nada . . . Mas sabe, eu e outros refugiados já demos entrevistas, consegui falar segundos ou minutos, no máximo. Ninguém sabe o que é a Síria e o que acontece na Síria. Síria, Líbano, os países africanos... cada pessoa é uma história, uma cidade, representa um lugar dentro de um país, não dá para generalizar. O caso dos palestinos... o problema com os palestinos é com Israel, esse é o problema, não é com todos os judeus. Ambas são religiões de Deus. E a novela não explica nada disso. Você tem que falar sobre o problema entre as regiões e não colocar duas pessoas brigando, como se fosse engraçado. (Hilal A. T., 2019, comunicação pessoal)

Essa crítica se soma a uma notação que também identificamos nas demais entrevistas, abrangendo tanto os imigrantes e refugiados africanos quanto os latino-

americanos e árabes: uma tendência a identificar a marcação de fronteiras não como um problema unitário, e sim como um processo que tende ao reducionismo extremo e à negação da diversidade e multiplicidade de “outros” postos sob representação quando falamos de um país ou mesmo uma região. Tal perspectiva vai ao encontro das reflexões de Bhabha (1998), quando este discute a tendência à instabilidade das escritas culturais e seu contraste com representações essencialistas da alteridade. Também dialoga com o que nos aponta Lotman (1998) sobre os espaços de irregularidade comuns às fronteiras, mais maleáveis e adaptáveis do que se supõe em um primeiro momento.

Lori P., 75 anos, chilena há décadas morando no Brasil, foi nossa entrevistada com maior trajeto acadêmico (três formações superiores em ciências sociais e na área de saúde). Ela expôs uma crítica ampla ao modo concatenado e simplório que dizia enxergar nas formas de representação do latino-americano e dos povos de outros países.

Na mídia, continua a predominar um olhar patriarcal, uma mentalidade colonial. O país recebe os imigrantes e a mídia os trata com os mesmos preconceitos que se tem em relação à cultura e à tradição. Sempre se busca a parte de compaixão, de pobreza. As telenovelas idealizando um árabe belo, misterioso, um sheik, o jornalismo mostrando as mulheres latino-americanas nas mesmas posições. Me dá uma sensação de que as pessoas estavam em uma exposição. Eu mesma: vão sempre me designar como “idosa” ou “imigrante chilena”. E assim as pessoas são reduzidas a simplificações. (Lori P., 2019, comunicação pessoal)

Engajada em diversas pautas relacionadas ao feminismo, à inclusão profissional de imigrantes e ao reconhecimento das culturas da América Latina, a entrevistada realçou durante sua entrevista – realizada no Museu da Imigração, no centro de São Paulo – as diferentes situações vividas pelos imigrantes e a interseccionalidade no contexto de suas identidades. Criticou a tendência à reprodução de valores predominantes na mídia e, em específico, demonstrou imenso incômodo com o uso da palavra “coitadinha”, quando uma vizinha de uma refugiada síria assim se refere a ela no documentário *Refugiados no Brasil*, do GloboNews Especial. “Ninguém merece esse desrespeito da forma de tratar . . . Uma pessoa que veio da guerra, resiliência monstruosa . . . e a vizinha fala como se a refugiada fosse ‘assimilada’, ‘aculturada’”. (Lori P., 2019, comunicação pessoal). Sua indagação encontra ecos na análise de Silverstone (2002) quanto à assimilação, que é, também, estratégia de apagamento do outro; também muito nos diz sobre a colonialidade, condição que, segundo Quijano (2005), em muito ultrapassa a cronologia dos períodos do colonialismo na América Latina e se materializa nos discursos produzidos, reiterados e difundidos sob viés eurocêntrico a respeito do Sul Global e suas configurações sociais, que mereceriam um tratamento epistêmico adequado às realidades materiais.

Mary P., venezuelana que se mudou ao Brasil com sua família no auge da crise humanitária do país, faz referência à polarização política para também atestar que “as mídias fazem parte de um esquema de grande desinformação, crueldade e alimentação de problemas entre os seres humanos”. Diz ela: “meu país foi por anos mostrado como só tendo coisas bonitas e olha no que deu. *O problema é que mesmo dentro do meu país tinha gente vivendo realidades diferentes e essa realidade não foi mostrada até a coisa ficar muito séria* [ênfase adicionada]” (Mary P., 2019, comunicação pessoal). O trecho destacado é notável por reiterar nossa ideia de que o processo de produção de fronteiras ocorre atrelado a uma simplificação da alteridade. Na ótica da entrevistada, o ponto de contato entre o universo sociocultural brasileiro e o “outro” venezuelano priorizaria, neste momento de intensa fratura dos limites de Estados nacionais, a crise humanitária e personagens desfavorecidos (assolados pela fome, por exemplo), em detrimento das pessoas de classe média que, segundo ela, também vêm enfrentando problemas econômicos com o governo (desapropriações, tributação, corrupção etc.) há anos.

Ótica semelhante, desta vez a partir da pauta religiosa, vem de Julia I., síria que reside há sete anos no Brasil e foi criada em uma comunidade de maioria evangélica nos arredores de Damasco. Vinda ao país na condição de refugiada, após relatar ter

sido vítima de perseguição religiosa, ela reconheceu positivamente os esforços da telenovela *Órfãos da Terra* de exibir as dificuldades do processo de deslocamento dos refugiados sírios e sua formalização nos países de destino; entretanto, realçou que, assim como na representação das comunidades e povos latinos, “a mídia brasileira generaliza um monte de coisas do meu país. Só coloca as mulheres com burca e, nas novelas, fala-se português com uma ou outra palavra em um árabe genérico. O idioma árabe é enorme, variado, e as culturas também” (Julia I., 2019, comunicação pessoal). E destacou o aspecto religioso como decisivo para as reduções de complexidade no processo de tradução.

Por fim, temos ainda os reflexos desse debate na análise das simplificações do outro na questão da África. Sara P., nossa entrevistada nativa da Guiné-Bissau, identifica um descuido geral com a representação dos países do continente – dotado de diferentes matrizes religiosas, experiências coloniais, idiomas, tradições culturais e biomas. “A mídia é uma escola e como tal precisa fazer sua parte. Existem várias formas de diferenciação: a África encarna isso porque temos uma África branca no Sul e uma vasta África negra. E também somos estrangeiros no olhar da mídia”, diz (Sara P., 2019, comunicação pessoal). E continua:

Muitos sequer sabem que existe Guiné-Bissau e o Haiti, que é vizinho vosso, é tratado como se fosse África. Não retratam países específicos. O Brasil tem uma precariedade em cultura geral sobre a África, enquanto para Estados Unidos, Rússia e China se sabe mais. Você está abrindo a porta para esse povo, mas você não tem ideia de quem está na sua casa. (Sara P., 2019, comunicação pessoal)

Em suma, eis, aqui, mais uma referência à questão da “alteridade do povo-como-um”, como nos diria Bhabha (1998, p. 213), que, por seu caráter essencialista, resulta em processos de contato intercultural incompletos, na visão dos imigrantes e refugiados com os quais dialogamos. Essa é uma questão que nos parece central nas falas de nossos entrevistados e que evidencia um processo problemático, incompleto, de construção de fronteiras entre o próximo e o distante – incapaz de avançar rumo à problematização dos “vários outros” que integram a alteridade e, por consequência, de traduzi-los e representá-los a contento na perspectiva das próprias comunidades estrangeiras. Algo que, entendemos, diz respeito às problemáticas da mediação contemporânea e potencialmente impede experiências enriquecedoras de contato com os povos e culturas do mundo nas narrativas audiovisuais de alteridade.

### **Considerações Finais**

A relação que procuramos construir aqui entre os processos de mediação e mediação e a construção de fronteiras – e processos de tradução – entre identidade e alteridade não é de simples solução; não se restringe, acreditamos, à escuta dos sujeitos representados, também devendo abranger discussões coletivas de imigrantes e refugiados e um cotejo minucioso dos achados da pesquisa de campo à luz do material audiovisual e sua análise estrutural.

A mobilização e o exame de diferentes falas e análises por nossos entrevistados, entretanto, nos sinalizam um ponto fundamental: a relação problemática entre três componentes – experiências concretas e materiais dos sujeitos em situação de refúgio ou imigração; processos representacionais conduzidos em narrativas ficcionais e não ficcionais; e uma tendência à redução de complexidade nos relatos da alteridade que efetivamente chegam para apreciação pelas audiências – que, juntos, efetivam o jogo da mediação/mediação do outro, ponto-chave de um debate mais amplo acerca da questão da alteridade na cultura audiovisual contemporânea.

Nossa análise buscou se mover sobre os conceitos de representação, tradução, fronteira e alteridade para construir o terreno teórico a partir do qual examinar a circulação social dos registros sobre povos latino-americanos, árabes e africanos da televisão brasileira. Notamos, na voz dos sujeitos representados, dois pontos críticos relacionados à construção de fronteiras entre o eu/nós e o outro: 1. um processo valorativo em que a construção de fronteiras se assenta na designação de referências negativas (pobreza, miséria, fundamentalismo, problemas de caráter,

baixa qualificação etc.) ao outro, algo que contraria a ideia de distanciamento apropriado ao narrar a alteridade e extrapola as obras a que assistimos, referindo-se, na realidade, à produção midiática e ao repertório em geral dos sujeitos de pesquisa; e 2. uma percepção de que os processos de tradução intersemiótica da alteridade tendem à redução de complexidade e o fazem desconsiderando os vários outros postos sob representação, produzindo uma falsa imagem unitária para nações ou mesmo regiões e continentes, desconsiderando suas complexidades.

Acreditamos que os efeitos de sentido propiciados por essas características identificadas pelos imigrantes e refugiados são decisivos nos modos como apreendemos a alteridade e a incorporamos à paisagem multicultural da nação. Devem, ainda, ser submetidos a novas análises contemplando mais produtos, além do documentário audiovisual e da telenovela, explorando, por exemplo, estudos de recepção de conteúdos noticiosos da imprensa diária ou outras formas ficcionais.

Nossa percepção, no momento, é que o marco teórico da mediatização, centrado nos reflexos da cultura vicária e dos conteúdos midiáticos sobre todas as esferas da vida social, nos parece relevante para evidenciar os dilemas da representação de povos e comunidades em um mundo marcado por deslocamentos forçados e crises migratórias – e, ao mesmo tempo, por uma cultura vicária cada vez mais enraizada no modo como configuramos experiências estéticas no contato com o outro. Também sinaliza que a ambição de uma mediação social ética, comprometida e capaz de satisfazer a contento as demandas dos próprios imigrantes e refugiados deve ser a principal contribuição de uma escuta ativa dos sujeitos representados nas narrativas de alteridade contemporâneas.

### Referências

Aristóteles (1996). *Poética*. Nova Cultural.

Bhabha, H. (1998). *O local da cultura*. Ed. UFMG.

Braga, J. L. (2006). Mediatização como processo interacional de referência. *Animus*, 5(2), 9-35.

Couldry, N., & Hepp, A. (2013). Conceptualizing Mediatization: Contexts, Traditions, Arguments. *Communication Theory*, 23(3). <https://doi.org/10.1111/comt.12019>

Durkheim, É. (1996). *As formas elementares da vida religiosa: O sistema totêmico na Austrália*. Martins Fontes.

Escosteguy, A. C. (2006). Estudos culturais: as margens de um programa de pesquisa. *E-Compós*, 6. <https://doi.org/10.30962/ec.77>

Escosteguy, A. C., & Jacks, N. (2005). *Comunicação e recepção*. Hacker.

Ferrara, L. (2011). *A comunicação entre mediações e interações* [Apresentação de trabalho]. XX Encontro da Compós, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Figaro, R., & Grohmann, R. (2014). O conceito de classe social em estudos de recepção brasileiros. *Animus*, 13(25). <https://doi.org/10.5902/2175497715775>

Figaro, R., & Grohmann, R. (2017). A recepção serve para pensar: um “lugar” de embates. *Palavra Chave*, 20(1), 142-161. <https://doi.org/10.5294/pacla.2017.20.1.7>

Flusser, V. (2007). *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. Cosac & Naify.

García Canclini, N. (1995). *Consumidores y ciudadanos: Conflictos culturales de la globalización*. Grijalbo.

García Canclini, N. (2000). *Culturas híbridas*. Edusp.

Giddens, A. (2002). *Modernidade e identidade*. Zahar.

Gomes, M. (2008). *Comunicação e identificação: Ressonâncias no jornalismo*. Ateliê.

Hall, S. (2001). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Guaracira.

Hall, S. (2016). *Cultura e representação*. Apicuri/PUC Rio.

Jacks, N. (1996). Tendências latino-americanas nos estudos da recepção. *FAMECOS*, 3(5). <https://doi.org/10.15448/1980-3729.1996.5.2946>

Jacks, N. (2015). Da agulha ao chip: brevíssima revisão dos estudos de recepção. *Intexto*, (34), 236-254.

Lobato, J. A. M. (2017). *A alteridade na ficção seriada e na grande reportagem: um estudo sobre as estratégias de representação do outro na narrativa televisiva brasileira* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital USP. <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-31052017-102241/publico/JOSEAugustoMendesLobato.pdf>

Lobato, J. A. M. (2020). *As fronteiras do eu e do outro: questões e apontamentos sobre a representação de imigrantes e refugiados na cultura audiovisual* [Trabalho apresentado]. 32º Encontro Anual da COMPÓS, São Paulo, Brasil.

Lotman, I. (1998). *La semiosfera*. Cátedra.

Martín-Barbero, J. (1997). *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Ed. UFRJ.

Martín-Barbero, J. (2004). *Ofício de cartógrafo: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. Loyola.

Moscovici, S. (2003). *Representações sociais: Investigações em psicologia social*. Vozes.

Quijano, A. (1992). Colonialidad y modernidad/racionalidad. *Perú Indígena*, 13(29), 11-20.

Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas*. CLACSO.

Silverstone, R. (2002). Complicity and collusion in the mediation of everyday life. *New Literary History*, 33, 761-780.

Sodré, M. (2002). *Antropológica do Espelho. Uma teoria da comunicação linear e em rede*. Vozes.

Thompson, J. B. (1998). *Mídia e modernidade: Uma teoria social da mídia*. Vozes.

Woodward, K. (2000). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In T. T. Silva (Org.), *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais* (pp 7-68). Vozes.